

---

## **A (des)ordem do discurso nos fragmentos dos (dis) cursos amorosos**

El (des)orden del discurso en fragmentos de (dis) cursos amorosos

The (dis)order of discourse in the fragments of love (dis) courses

Ana Claudia Camuri

Universidade Federal Fluminense – UFF Rio das Ostras

---

### **RESUMO:**

Este texto emerge no processo de elaboração do luto vivido pela autora, ao mesmo tempo em que também foi um processo de celebração da vida e do legado deixado pela Professora Heliana Conde. Nesse momento, tornou-se imprescindível para autora elucidar a importância da afirmação de uma política da amizade e da amorosidade nos processos formativos e no exercício da docência. A tessitura de algumas histórias, formadas pelos fios mnemônicos produzidos a partir dos encontros entre essas duas mulheres, psicólogas e docentes, e seus efeitos, fazem pensar no que fazemos de nós mesmos enquanto professores, e com os alunos, quando equivocamos esse lugar de mestria tradicional que o mundo acadêmico nos convoca a ocupar.

**Palavras-chave:** Formação, Docência, Memória

---

### **RESUMEN:**

Este texto surge en el proceso de elaboración del duelo vivido por la autora, al mismo tiempo que fue también un proceso de celebración de la vida y legado dejado por la profesora Heliana Conde. En este momento, se hizo imprescindible para el autor dilucidar la importancia de afirmar una política de amistad y amor en los procesos de formación y en la enseñanza. La textura de algunas historias, formada por los hilos mnemotécnicos producidos a partir de los encuentros entre estas dos mujeres, psicólogas y docentes, y sus efectos, nos hacen pensar en lo que hacemos con nosotros mismos como docentes, y con los estudiantes, cuando confundimos este lugar de tradición de dominio que el mundo académico nos llama a ocupar.

**Palabras-clave:** Formación, Enseñanza, Memoria

---

### **ABSTRACT:**

This article emerges from the process of elaborating the mourning experienced by the author, which was also a process of celebrating the life and legacy left by Professor Heliana Conde. At that moment, it became indispensable for the author to elucidate the importance of affirming a friendship and lovingness policy in the formative processes and the teaching exercise. The weaving of some stories, formed by the mnemonic threads from the encounters between these two women, psychologists and teachers, and their effects, make us think about what we do with ourselves as teachers, and with our students when we mistake this place of traditional mastery that the academic world convenes us to occupy.

**Keywords:** Education, Teaching, Memory

---

DOI: 10.12957/mnemosine.2024.88532

## INTRODUÇÃO

Heliana Conde, amiga ou professora? Difícil saber onde começava uma e terminava a outra, porque na sua política da amizade e da amorosidade, quem conviveu com ela experimentou aprender, não que ela tentasse nos ensinar algo! Salvo seu heterônimo, “Tia Teteca”, que sempre persistia em tentar nos ajudar a entender a importância do melhor lugar para colocarmos em nossos escritos vírgulas, ponto e vírgulas e travessões- lembrando seu passado de “normalista”, sempre às gargalhadas nos fazendo gargalhar também-, ela jamais ocupava esse lugar “professoril”.

Até à véspera desse evento organizado para celebrar sua existência, e que me fez escrever estas palavras, fui tomada pelo desassossego por não saber o que eu poderia falar sobre ela, e da minha relação com ela, a partir do tema “docência”. Ainda elaborando o meu luto pela sua partida, tentei conter minhas lágrimas e organizar o meu discurso para poder celebrar a sua passagem por este planeta e pela minha vida.

Ainda com as memórias muito marcadas pelos momentos ligados às suas complicações de saúde, me esforçava para acordar outras memórias de outros tempos, e assim me transportei para uma de nossas últimas conversas sobre “trabalho”, em maio de 2023, num barzinho carioca de nome bíblico na Praia do Flamengo, no qual eu, tomada pela ânsia de voltar a conviver e estudar com ela após os tempos de afastamento em função dos confinamentos pandêmicos, perguntei o que ela gostaria de pesquisar sobre Foucault, que ainda não tinha pesquisado; diante do seu Gim com tônica, ela desviou o seu olhar para esquerda e para cima, demorou uns segundos e disse: -a relação do pensamento de Foucault com o de Roland Barthes. Conspiramos montar um grupo de estudos para fazer isso e combinamos de não ficar mais tanto tempo sem conviver. Contudo, a ideia permaneceu apenas no plano desejante.

Eu, que nunca havia lido nada de Roland Barthes e, quando sobre ele ouvia falar, só lembrava do seu famoso livro: “Fragmentos de um discurso amoroso” (2007), não fiz naquele momento de nossa conversa, a mais vaga ideia do que aquilo poderia significar, nem para ela, muito menos para mim, até a véspera desse evento, quando essa breve conversa com ela invadiu minha memória, alimentando minha insônia crônica e me fazendo “pesquisar” sobre a relação entre esses dois autores.

Logo encontrei vários artigos que falavam o que ambos discutiam sobre a noção de “autor” (autoria). Depois encontrei outros nos quais os autores contavam que em 1976 - o ano em que nasci - a assembleia de professores do *Collège de France* acolheu a sugestão de Michel Foucault de eleger Roland Barthes para a cátedra de Semiologia Literária - criada especialmente para ele. Barthes só ficou na instituição até 25 de fevereiro de 1980, dia em que foi atropelado na rua em frente ao *Collège*, tendo falecido em 26 de março, no Hospital de *Salpêtrière*. Foi também em março (04) que eu senti nossa Heli - como uma força da natureza, como uma estrela de primeira grandeza, Sol (*Helius*) que iluminava e aquecia tudo ao seu redor - partir para o firmamento para encontrar com Foucault, que, por sua vez, também foi para lá no “ontem” de 40 anos atrás, em 25 de junho de 1984!

### **Des (Aniversários) e encontros étlicos**

Hoje, dia 26 de junho de 2024 Heliana faria aniversário, 74 anos! Em meio a minha tentativa estéril de construir sentido para todos os afetos, signos, números, datas, conceitos e pessoas, que também eram “autores”, recorri às memórias sobressalentes de nossos tempos, os e-mails (substituto das antigas cartas). Reli vários dos que trocamos nos últimos anos e me lembrei que, dois meses depois dessa conversa de bar que narro acima, tivemos outra, no mesmo bar de nome bíblico, no mesmo bairro com nome de um time de futebol rival ao dela (Botafogo), dessa vez para comemorar seu aniversário. Foi o último que comemoramos juntas! A celebração se deu um pouco depois da data de seu nascimento, foi em 20 de julho. Levei de presente para ela uma taça de Gin- uma de suas bebidas preferida nos últimos tempos!

Na sequência desses e-mails é possível perceber os “cursos” (no sentido da direção que toma o fluxo das águas) dos discursos amorosos entre nós. E aqui o “nós”, não diz respeito a nós duas, eu (Claudinha - como ela me chamava) e ela (Heli - como eu a chamava), aqui me refiro a um amor que não é só o amor entre duas pessoas, mas a um exercício de amar coletivo que se dá na tessitura de uma rede pela Política da Amizade amorosa que promove criações, invenções e saúde. Política esta que possibilita encontros alegres, encontros que ativam, cruzam e multiplicam potências, que agregam pessoas, ampliando mais ainda essa rede. Essa rede é formativa. Foi assim que eu, e acredito que muitos dos seus “alunos-amigos”, aprenderam modos de amar, de “amar” pensar, de amar as ideias de Foucault (e dos analistas institucionais, historiadores Orais e tantos outros autores que ela nos apresentava). E também a amar as pessoas que ela amava, quantas relações de amizades

emergiram nesses encontros formativos-éticos (ou não), promovidos por ela? Seguramente foram muitos!

Seguindo o fluxo das águas do desassossego causado pela angústia de não saber o que dizer de forma breve o que Heliana significa na minha existência, e ainda correlacionar isso com o tema da “docência”, continuei farejando nos nossos e-mails sobre “o quê” mais conversávamos, e entre lágrimas e gargalhadas, pude reler e lembrar que era um pouco de tudo, desde de desabafos fraternais femininos sobre os desafios das relações amorosas do tipo conjugal, sobre nossa saúde, a política brasileira e mundial, e, sobretudo, sobre o universo acadêmico- seus desafios, percalços, perversidade, mas também sobre suas alegrias.

Nessa busca por tesouros perdidos encontrei uma série de fragmentos de discursos amorosos que mostram o quanto a formação do meu corpo de docente não só se deu, como ainda se dá,- pois isso é uma construção contínua-, nos encontros com ela. Eu ainda sou capaz de ouvir a sua voz grave, com mais sabedoria do que “suposto saber”, suas sonoras gargalhadas que ritmavam o tom de seu humor e que fechavam seus olhinhos nos contagiando de alegria também. Posso até hoje sentir seu corpo vibrátil. Acertada foi a escolha que fiz de não vê-lo após sua paragem, essa memória, por questão de saúde, me neguei a carregar!

### **Orientação espiritual bibliográfica**

Percebi ainda que grande parte das conversas dos nossos e-mails eram sobre os meus pedidos de notícias sobre ela seguidos de demandas de orientações “espirituais-bibliográficas” para concursos que eu faria e/ou para aulas e orientações que eu daria. Ela, com sua erudição e generosidade, sempre me respondia enviando pilhas de textos cuidadosamente escolhidos acompanhados de dicas preciosas. Em um deles, de 2023, ela assinou com um outro heterônimo que eu ainda não havia sido formalmente apresentada: “bibliófila desvairada”.

### **Benção mainha**

Eu, às vezes, ou quase sempre, pedia bênçãos. Mas creio que a “bênção” mais acertada foi a que ela me “gargalhou” em 2022, me lembrei dela ao ler nossa conversa de e-mail, intitulada “Benção mainha”, no qual eu conto sobre ter passado para a 2º fase do concurso que me levou como Professora Adjunta para à Universidade Federal Fluminense (UFF), em 2023. Nesse processo ela me acompanhou desde o início com sugestões para os estudos, e depois em cada etapa do processo seletivo. O Concurso foi para a área específica intitulada “Clínica, grupos e corporeidade: práticas transdisciplinares” e teve como tema da prova escrita “Psicologia de grupo e transdisciplinaridade: teorias e intervenções clínicas” e da prova

didática “Subjetividade, Instituição, política: crítica e clínica”. Compartilho aqui um trecho da nossa conversa:

“Oi amor, quero pedir sua benção... hahahaha. Passei para a segunda etapa do concurso para professor adjunto da UFF de Rio das Ostras. A prova escrita foi segunda agora. "O tema foi Psicologia de grupo e transdisciplinaridade: teorias e intervenções clínicas". Falei de você o tempo todo... hahahaha... li tudo seu de novo... tudo novo de novo, vamos nos jogar onde já caímos... Vc e eu conseguimos até boas notas da banca! (...). Ana Claudia Camuri.”

Heli respondeu:

“Querida, tenho mesmo pensado em você e me diverti demais com NOSSO resultado na prova escrita (...) !!! mando minha bênção -rsss- claro, mas principalmente minha torcida - pensamento e dedos cruzados. (...). Heliana.”

### **Convocação para docência**

Suas “bênçãos gargalhosas”, orientações bibliófilas desvairadas e também as dicas ortográficas e gramaticais de “Tia Teteca” certamente funcionaram! E, quando contei para ela que finalmente eu havia sido convocada para assumir a vaga, apesar de já dar aula há muitos anos, foi só neste momento que entendi a importância da política da amizade-amorosa nos processos formativos e no exercício disso que chamamos de “docência”. Eu jamais teria chegado até aqui se não fosse pelo que aprendi nos encontros com a ensolarada Heli, na sala de aula ou no bar, talvez mais no bar do que na sala de aula!

Nessa experiência mnemônica do tipo “proustiana”, pude ver que, nos últimos vinte anos da minha existência, Heli esteve presente em todos os momentos dessa minha trajetória acadêmica e profissional! Os efeitos desses encontros que vão desde a minha entrada na graduação da UFF - quando Heliana era ainda só uma autora que eu estudava nas cópias dos livros - até hoje, sempre se colocou disponível para estar amorosamente junto, estudando, pensando e criando. Não “foucaultianamente” ou “barthesianamente”, mas “helianamente” presente!

E é nesse ponto que consigo entender um pouco o que tem em comum Michel Foucault e Roland Barthes, e eles dois com Heliana Conde, é a relação que eles tinham com o pensamento, com a escrita, com os discursos e enunciados que produziam, com a docência e com os discentes, ou seja, com os processos criativos e formativos e com aqueles neles

envolvidos. As críticas artesanais que todos eles fizeram às pedagogias reinantes, aos modos de ensinar, de produzir saber, discursos e subjetividades com as relações de poder (e seus efeitos) que constituem todos esses processos, são alguns de seus pontos em comum.

Os três, cada um com sua estética e ética próprios, construíram políticas artesanais e singulares de conhecimento, mas todas elas pautadas na política da amizade, da amorosidade e da alegria, que se tece nos encontros, no estar junto e, apesar de estarem em instituições de ensino tradicionais e ocuparem cátedras, darem aula em salas de aulas, promoverem seminários e proferirem conferências, eles ocupavam esses espaços institucionais para equivocá-los em seu funcionamento e para deflagrar os mecanismo e efeitos de poder que os mantinham funcionando daquela forma. Os três tinham em comum essa potência inventiva para se transformarem a cada dia, para provocarem a potência criativa daqueles com os quais se encontravam pelos “cursos” (fluxos) da vida, possibilitando assim a criação de outros modos de subjetivação e de outros mundos possíveis.

E assim sigo, persistindo em manter vivas algumas memórias - e os afetos que elas me trazem - dos meus melhores momentos com Heli, e tento me esquecer dos piores vividos nos momentos ligados às suas complicações de saúde, mas sempre me lembrando que mesmo nessas horas, ela ainda vibrava bravamente! E, na minha tentativa de entender porque tudo isso aconteceu com ela, penso que ela estava levando a sua existência para experimentar ao nível máximo tudo aquilo que ela aprendeu e inventou nos seus encontros com o “Careca” - que era como ela carinhosamente chamava quem eu acho que era o maior amor de sua vida. Em seu último ano por aqui, Heli experimentou, de uma só vez, todos os efeitos do saber (dos atos e discursos médicos), da instituição hospitalar e dos poderes que os atravessam. Muito do que foi discutido por Foucault, em suas arqueologias e genealogias, saiu das letras dos livros de nossa amiga tão “cabeluda” e “descabelada”, e atravessou seu corpo, sua vida, e também a vida de quem esteve ao lado dela nesses últimos tempos, nos lembrando que onde há poder, há resistência. Desse modo, Heli também viveu o desafio de experimentar tudo que foi pensado, dito e escrito pelo último Foucault, que também passou pela experiência de adoecer, ser hospitalizado, encarar a iminência da morte, e, ainda assim, continuou inventando, até o seu último lufar uma ética e uma estética singular para sua existência, resistindo bravamente as forças que tentam disciplinar, assujeitar, governar e dominar. Heli não teria conseguido ter sido mais “foucaultiana” do que foi! Assim como ele, ela seguiu até o seu último suspiro, resistindo, pensando, criando e nos inspirando a criar. Nós que pensávamos estar cuidando dela, estávamos era por ela sendo cuidados. Na estética de sua existência, na sua política da amizade-amorosidade ela generosamente - pois nunca pedia nada em troca - , sabiamente,

criativamente e lindamente, nos mostrou a importância de construirmos uma ética e uma estética para nossa existência sem nos deixarmos ser governados. Se todos entre nós aprendemos, eu não sei, mas sei que ela seguiu até o momento de virar “pontinho brilhante no firmamento”: “ingovernável”! Heliana presente!

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Ana Claudia Camuri  
Universidade Federal Fluminense – UFF Rio das Ostras  
Professora Adjunta do Departamento de Psicologia  
anaclaudiacamuri@yahoo.com.br